

Agora faz uma tarde luminosa sobre o pampa.

Não há nuvens. O ar é leve, azul, cintilante.

Pela manhã e nos seis dias anteriores o céu desfez-se em água. Vapores sombrios erravam pela atmosfera. O arroio Las Ánimas, saindo de seu leito, confundiu-se com o rio Uruguai, ali perto. Alagaram-se os campos e arruinaram-se as plantações de milho e mandioca. O yerbal nada sofreu.

Agora todos estão felizes pelo retorno do bom tempo.

Os dois homens conversam no maior dos três ranchos cobertos por telhados de santa-fé e unidos num conjunto improvável que, visto do alto, formaria a letra K.

Estão no cômodo maior desse rancho. As paredes de barro amparam-se em troncos de árvores que têm a função dos arcobotantes das catedrais góticas. As fendas nas paredes, resultado de um abandono sem época, deixam entrar luzes oblíquas que conferem textura de cenário litúrgico a tudo ali dentro.

Don Amado Bonpland, o velho proprietário, denomina esse cômodo sem assoalho de *salle à manger*. Serve não apenas para comer, mas também para ler, dar consultas médicas e receber visitas. Serve para os momentos em que as pessoas dão-se conta de que possuem um espírito.

Mas tudo ali é passado.

No pampa, todos os cômodos de uma casa são passado.

No pampa, tudo é passado.

Don Amado Bonpland e seu jovem visitante sentam-se em cadeiras toscas junto à mesa, que não passa de uma antiga porta de madeira apoiada sobre duas barricas. Nela, há uma pasta de couro, opaca pelo tempo.

Impossível não ver o pequeno armário-farmácia portátil. Ali há frascos coloridos. Vários deles estão secos, sem rolhas. Os rótulos, escritos na época em que a mão de Don Amado Bonpland era firme, são: Romarin, Aspérule, Calamenthe, Céleri e ainda outros, ilegíveis à precária acuidade visual do visitante.

A instabilidade das paredes impediu que a estante de livros com cinco prateleiras ficasse à altura dos olhos. Repousa no chão, e acolhe duas centenas de volumes. Em três deles é possível ler, na lombada, gravado a ouro: Alexander von Humboldt ~ KOSMOS. Há uma coleção de outros livros, encadernados em couro verde, com lacunas na numeração: Alexander von Humboldt & Aimé Bonpland: Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent.

Robert Christian Avé-Lallemant, o visitante, já possui todos esses livros. Falta-lhe apenas um, do qual agora decifra o título: Description des Plantes Rares Cultivées à Malmaison e à Navarre – Aimé Bonpland. Os livros cobrem-se por uma tênue camada de pó escuro, como tudo o mais que ali existe. Junto à soleira da porta, há um vaso com rosas cor de carne. Seu tronco é nodoso, disforme, retorcido por inúmeras e antiquíssimas podas. Avé-Lallemant sorri: gosta de rosas. Cultiva-as, mesmo em sua casa alugada do Rio de Janeiro.

Don Amado Bonpland oferece mate a Avé-Lallemant, que o recusa de maneira muito gentil.

Don Amado Bonpland insiste:

«Doutor Avé-Lallemant, essa erva é que chamei de Ilex Humboldtiana, no tempo em que eu dava nomes às plantas».

Avé-Lallemant ficou preso à palavra Humboldtiana. Mesmo que evoque o nome de seu amigo muito querido, Avé-Lallemant recusa. Repugna-lhe aquela infusão verde numa suja cabaça. Repugna-lhe sorver pelo mesmo canudo de metal que esteve noutras bocas. É o asco próprio dos estrangeiros, e ele o sente desde que chegou ao pampa.

«Mas» diz Don Amado Bonpland, «meus colegas botânicos nunca aceitaram esse nome. Usam outros».

Avé-Lallemant ocupa-se em registrar na retina a imagem desse velho. Trabalho inútil: apenas na juventude, com a esperança e suas possibilidades, é que as pessoas diferem entre si.

Incomum, porém, é a história de Don Amado Bonpland.

Glória das ciências botânicas, doctor honoris causa por várias universidades europeias, Don Amado Bonpland é como escreveu um naturalista de Ansbach, lembrado de Kaspar Hauser, um novo aenigma sui temporis. As academias mandam-lhe diplomas enrolados em canudos de folha-de-flandres. Ele aceita essas honrarias, agradecido e sem vaidade. Guarda-as em lugares que costuma esquecer. Abre exceção para duas estrelas da Légion d'Honneur, presas à lapela do gasto casaco de brim. É uma ironia de Don Amado Bonpland: atarantadas entre seus tumultuários papéis, as autoridades francesas deram-lhe duas vezes a mesma condecoração. Disso Avé-Lallemant fora prevenido, e acha graça ao enxergá-las ao peito de Don Amado Bonpland.

Aos oitenta e cinco anos, este homem não aceita conselhos nem ajuda – assim registrará Avé-Lallemant em seu diário e, depois, no livro que publicará em Leipzig no ano seguinte. Registrará também o espanto de saber que esse homem auferia uma renda de 3.000 francos do governo francês, suficiente para mantê-lo em qualquer capital da Europa.

Don Amado Bonpland é capaz de fazer tudo que signifique provar os extremos. Veste-se como qualquer um da região. Só usa botas quando chove. Neste momento, apresenta-se com os pés descalços. Avé-Lallemant tenta imaginar esses mesmos pés quando, na Malmaison, vestiam meias de seda de Lyon e sapatos rasos de verniz com fivela de prata. Essas meias subiam até o joelho e desapareciam nos culotes de veludo vermelho bordados com ramagens de flores. Os sapatos de verniz pisavam parquês de carvalho e nogueira ocultos sob tapetes egípcios. Napoleão imperava sobre a França, reinava na Itália e Espanha e todos se julgavam eternos.

Os forasteiros que procuram Don Amado Bonpland confundem-no com um peão e perguntam-lhe pelo proprietário da estância. Assim fez Avé-Lallemant ao chegar a Santa Ana. Cobre-se de vergonha a cada vez que se lembra.

Avé-Lallemant agora faz o pedido que Don Amado Bonpland tanto espera.

Alguém se aproxima. A filha de Don Amado Bonpland vem de fora e apoia-se à ombreira da porta aberta para o campo. Carmen enxuga as mãos no avental. Ela observa o pai. Carmen tem o rosto redondo das indígenas. Ela conhece pouco da língua que o pai fala com o estrangeiro, mas o suficiente.

Ela vigia as lembranças do pai. Ele lhe retribui com o olhar infantil que as pessoas de muita idade destinam aos familiares.

Don Amado Bonpland, depois de sorver um gole do mate, começa a falar.

Só agora Avé-Lallemant percebe que Don Amado Bonpland tenta dominar o persistente tremor da mão esquerda. Cola-a na perna, onde ela fica, palpitando como uma borboleta.

Por delicadeza, Avé-Lallemant desvia o olhar.

Don Amado Bonpland fala com lentidão, escutando a si próprio:

«No dia em que nasci, na marítima La Rochelle, reino da França, o sol deitava-se violáceo no horizonte das águas atlânticas. Os pescadores saíam com suas embarcações. Passariam a noite no mar. Era verão».

Mesmo que Don Amado Bonpland diga “o sol deitava-se violáceo no horizonte das águas atlânticas”, trata-se de uma linguagem natural a quem muito leu. Essas palavras também não soam artificiais a Avé-Lallemant, fruto tardio do Romantismo alemão, uma espécie de fim de raça, admirador de Schiller e Herder. É longilíneo e obsequioso, doutor em medicina pela universidade de Kiel. Com a cabeça inclinada para o lado, tal como fazem os cães domésticos quando atentos à voz de seus donos, ele escuta:

«Muitos anos antes meu avô decotava os barços de sua videira quando lhe nasceu o filho, meu pai. Disse que o bebê, tal como aquela videira, seria uma boa planta. Entusiasmado com a sonoridade, *boa planta*, passou a chamar o filho de Bon Plant, mesmo quando o filho já era Cirurgião-Chefe do Hospital de La Rochelle. Eu herdei esse sobrenome ridículo e na escola transformei-o em Bonpland. Meu destino começava aí. Meu nome de batismo, Aimé, eu traduzi aqui no Novo Mundo. Aqui, como o senhor bem sabe, me conhecem como Don Amado Bonpland. Chamam-me também de Gringo Loco, conforme o momento».

Don Amado Bonpland poderia acrescentar a alcunha Caraí Arandu, que significa Senhor Sábio na língua dos guaranis. Mas isso ele esqueceu.

Don Amado Bonpland conta uma vida entremeada de grandes vazios e fatos inexplicáveis.

Agora parece desatento ao seu visitante – assim pensa Avé-Lallemant. Mas Don Amado Bonpland logo recupera o fio da história:

«Esses nomes me agradam. Eles dizem tudo o que sou, o que fui e o que desejei ser. Sou amado e sou louco. Sempre improvisando minha vida, busquei-me na multidão que assistiu à morte de Luiz XVI, depois nas úmidas selvas da Amazônia, no pico do monte Chimborazo, nos jardins à inglesa da Imperatriz Josefina, na longa prisão que me impôs o doutor Francia, no largo e majestoso pampa gaúcho, na ajuda aos rebeldes farroupilhas e na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. No melhor momento de minha vida, aliei-me a esse ser belo e admirável, o nosso amigo, o barão Alexander von Humboldt, ao qual abri os caminhos da anatomia, da fisiologia, dos vegetais e dos bichos do mundo».

O visitante suspira, aliviado. Enfim Don Amado Bonpland fala em Humboldt. Avé-Lallemant julgava que estivessem rompidos. Ele escuta:

«Humboldt me ensinou física e astronomia. Ensinou-me a manejar instrumentos ópticos, sonoros e mecânicos. Ensinou-me a falar com as pessoas. Juntos fizemos aquela viagem às Américas que transformou Humboldt na personalidade mais famosa deste século».

Avé-Lallemant não apenas sabe da viagem em pormenor como leu todas as notícias dos jornais e comprou todos os livros que dela decorreram.

Avé-Lallemant nutre uma consideração reverencial por Don Amado Bonpland. Ele tem consciência de ser um dos pouquíssimos europeus que apertaram a mão desses dois esplendores da ciência do século XIX.

Don Amado Bonpland interrompe o pensamento de Avé-Lallemant:

«Minha viagem com Humboldt foi errática, comandada pelas pestes, pela política, pela paixão, pela geografia, pela boa ou má disposição dos capitães de navios. O gênio de Humboldt deu sentido a uma aventura dirigida pelo acaso. A viagem, para ele, foi um meio para comprovar sua teoria. Ele buscou a totalidade em meio à confusão dos seres. Ele morrerá com a certeza de havê-la encontrado. Quanto a mim, encontrei a solidão, a malária e o amor. Depois disso, encontrei o pesar, o remorso e, por fim, a remissão e a sabedoria. E quanto mais vivo, mais constato que tudo é diverso, tudo é frágil, tudo é múltiplo e surpreendente».

